



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



Mariana Fernandes Mendonça

Para sempre lembrar: a fotografia digital e o fetiche pela memória

Rio de Janeiro
2013

Mariana Fernandes Mendonça

Para sempre lembrar: a fotografia digital e o fetiche pela memória

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira
Orientador de forma: André de Araújo

Rio de Janeiro
2013

Mariana Fernandes Mendonça

Para sempre lembrar: a fotografia digital e o fetiche pela memória

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em:

Prof.: Antonio José Barbosa Oliveira.
Doutor em Memória Social
Orientador.

Prof.: André Araújo
Mestre em História Social
Orientador de forma.

Prof.: Robson Costa
Mestre em Memória Social
Professor convidado.

Prof.: Samantha Eunice M. Pontes
Mestre em Memória Social
Professora convidada.

Dedicatória

Dedico esse trabalho à Maria Dilma Fernandes Mendonça, minha mãe. A mulher que sempre foi meu maior exemplo de perseverança e fé. Que me deu as bases sem as quais eu não chegaria até aqui.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que foi verdadeiramente o pai que eu nunca tive e me sustentou todos esses anos de graduação. Sem a Sua ajuda nos momentos mais difíceis e a Sua constante presença em minha vida eu jamais seria capaz de terminar essa graduação com êxito.

Agradeço a minha família, minha irmã Márcia e minha mãe, que sempre me apoiaram e tiveram paciência comigo durante esse período da minha vida. Vocês são meu referencial de vida, meu porto seguro. Obrigada pelo carinho, ajuda e por serem verdadeiramente minha família durante todos esses anos.

Agradeço as minhas amigas, Monara e Camila, que estiveram presentes na minha vida todos esses anos, desde a época do colégio. Obrigada meninas, o apoio e companhia de vocês foram fundamentais para que eu aguentasse esses quatro anos de graduação. Estarei inaugurando nossa fase de formatura e sei que estaremos juntas em muitas outras fases da minha vida.

Agradeço a turma 2009, que se manteve junta até o final do curso e mesmo em meio às diferenças enfrentamos juntos os desafios que surgiram todos esses anos. Agradeço em especial a Aline Meirelles, que foi muito mais que minha melhor amiga de faculdade, foi minha irmã durante esses anos. Conhecer você foi a maior vitória que eu vou carregar da UFRJ. Obrigada por ter me motivado na pior fase da minha vida, se não fosse sua amizade eu teria desistido de tudo. Você foi mais que fundamental na minha vida, e se tornou imprescindível para mim.

Agradeço ao meu orientador, Antonio, por sua incansável dedicação. Por todos os e-mails respondidos, pelos nossos encontros para orientação, pelas palavras de motivação, por ter sido um profissional exemplar. Agradeço também ao meu orientador de forma, André, por sua dedicação e profissionalismo nas seguidas correções desse trabalho. O mérito desse trabalho também é de vocês.

Agradeço por fim, a todo corpo docente e a coordenação do Curso de Biblioteconomia e Gestão da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todos os mestres que muito me ensinaram nessa jornada e contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional.

RESUMO

MENDONÇA, Mariana Fernandes. **Para sempre lembrar**: a fotografia digital e o fetiche pela memória. 2013. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

O presente trabalho aborda questões referentes ao advento da fotografia digital, seus usos e consequências. A pesquisa traça um breve panorama histórico da fotografia, analisando seu papel como documento. O trabalho alerta para o lugar da memória coletiva, que pode ser ameaçado em meio a uma sociedade que produz documentos fotográficos digitais em uma velocidade alarmante. Essa questão, da memória social, é analisada sob o princípio de que a fotografia constitui um lugar de memória, onde em si, guarda informações importantes sobre fatos, pessoas e lugares. Uma das causas para esse fenômeno que se denomina “fetiche pela memória” é a espetacularização fomentada pelas redes sociais. Atualmente, pode-se afirmar que um dos principais motivos que levam as pessoas a “clicarem” compulsivamente, é a necessidade de postar essas imagens em suas páginas pessoais do Facebook ou Twitter. Nesses espaços perde-se um pouco da noção de público/privado; o que se vê é uma publicização de espaços privados. Parte-se do princípio que essa produção exacerbada de fotografias seria gerada pelo medo do esquecimento, medo de perder o momento que foi vivenciado. O trabalho também propõe uma análise de conteúdo de postagens em perfil no Facebook, articulando conceitos do campo transdisciplinar da memória social com aspectos da filosofia da linguagem, a partir de abordagens do filósofo russo Mikhail Bakhtin.

Palavras-chave: Fotografia digital. Memória social. Sociedade do espetáculo. Redes sociais. Facebook.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JUSTIFICATIVA.....	12
3 OBJETIVOS	13
3.1 OBJETIVO GERAL	13
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
4 METODOLOGIA	14
5 SOBRE FOTOGRAFIA.....	15
5.1 UM BREVE HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA: DO ANALÓGICO AO DIGITAL	15
5.2 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO	17
5.3 A FOTOGRAFIA E SEUS TEMPOS	19
5.4 DOCUMENTO FOTOGRÁFICO DIGITAL: QUESTÕES SOBRE SUA PRODUÇÃO E FRAGILIDADE	21
6 USOS E ABUSOS DA FOTOGRAFIA DIGITAL: MEMÓRIA, ESQUECIMENTO, ESPETACULARIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	23
6.1 A “CULTURA DA MEMÓRIA” E O MEDO DO ESQUECIMENTO.....	23
6.2 A ESPETACULARIZAÇÃO CAUSADA PELAS REDES SOCIAIS	24
6.3 A FOTOGRAFIA COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA	27
6.4 A MEMÓRIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	29
7 ESTUDO DE CASO: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK	30
7.1 OS DILEMAS BAKHTINIANOS NA LINGUAGEM VIRTUAL	30

7.2 CONCEITOS BAKHTINIANOS APLICADOS AO FACEBOOK.....	32
7.3 ANÁLISE DE PERFIL DO FACEBOOK	35
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 52
REFERÊNCIAS	55

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Nascimento.....	36
FIGURA 2 – Flamengo x Fluminense.....	38
FIGURA 3 – Família.....	39
FIGURA 4 – Viagem	40
FIGURA 5 – Boate	43
FIGURA 6 – Café da manhã	45
FIGURA 7 – Amizade.....	46
FIGURA 8 – Amigas	48
FIGURA 9 – Chopada.....	49

1 INTRODUÇÃO

Pode-se observar, nos últimos anos que o advento da fotografia digital está modificando as relações sociais em torno do ato de fotografar, estabelecendo novas configurações e representações sociais vinculadas à produção e disseminação de imagens. A sociedade está cada vez mais apegada em recursos fotográficos e imagéticos, fazendo uso desse recurso de maneira exacerbada, seja para “mostrar-se” a outros, contar suas vidas através das redes sociais, (Twitter, Facebook, Orkut) ou numa tentativa quase desesperada de guardar, reter determinados momentos que consideram importantes. O vício de guardar está associado ao medo de perder.

Nota-se, no dia a dia, a maneira como as pessoas tem utilizado a fotografia. Com uma câmera fotográfica digital nas mãos, gente de diversas classes sociais e idades registram suas atividades, como se não houvesse outra forma de reter o instante vivido. Dentro dessa perspectiva, surgiram algumas questões: Por que, atualmente existe esse medo, quase que pavor do esquecimento, da perda? Estaríamos inseridos em uma sociedade viciada em memória? Até onde as redes sociais, incentivam o hábito de registrar, por meio de fotos tudo que se faz? Além disso, como ficará a memória coletiva e social de uma geração que produz seus documentos fotográficos em um ambiente tão suscetível quanto o digital? Essas, dentre outras questões, servirão de nortes para as reflexões que se pretende fazer.

A fotografia, desde sua invenção e popularização, com a Revolução Industrial, tomou conta das casas, através dos álbuns de família. Desde então, em determinadas comemorações como casamentos, formaturas e batizados, não se pode imaginar a ausência de uma máquina fotográfica. Através da fotografia, cada família tenta escrever sua história, por meio dos registros fotográficos contam uma crônica de si mesmas. O que temos assistido nas últimas décadas é uma explosão de imagens, onde a fotografia digital tem sido protagonista. Vários são os motivos que fazem dessa ferramenta um recurso usado em grande escala: É de fácil acesso econômico e portátil, permite que o usuário veja suas fotos no próprio visor da câmera, tem poucas limitações de espaço, permitindo que se registrem centenas e até milhares de fotografias, de uma só vez em seu suporte. Isso tem gerado um exagero na prática de

fotografar e tem mudado radicalmente a função a que a fotografia se destinava. Antes, como registro de um evento ou até mesmo como documento histórico, hoje o recurso imagético se configura também como um meio de manter congelados no tempo certos momentos do cotidiano, da vida rotineira, e até mesmo, como meio de “espetacularização”, e publicização de eventos (até mesmo os particulares), fomentado pelas redes sociais.

2 JUSTIFICATIVA

Com o resultado da presente pesquisa, espera-se contribuir para maiores reflexões sobre a produção e uso da fotografia digital e sua relação com as mudanças de comportamentos e difusão da informação que caracterizam a sociedade atual.

Com o desenvolvimento desse projeto, espera-se que essas questões levantadas contribuam para as reflexões sobre a problemática da memória social que toda uma geração produz, atualmente, sem precedentes. Além disso, espera-se discutir a relação das redes sociais e a produção de fotografias digitais.

A grande quantidade de fotografias, publicados diariamente nas redes sociais nos leva a crer que fazemos parte de uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), sedenta por tudo registrar e guardar. Nesse sentido, há uma sede de memória que nos acompanha.

Alguns estudiosos já levantaram e ainda levantam questões nesta perspectiva. Pierre Nora (1993) já enfatizava a necessidade de construirmos “lugares de memória” na tentativa de manter uma memória que já não somos mais capazes de viver. Adreas Huyssen (2000) em seu livro “Seduzidos pela memória”, fala sobre essa volta ao passado, esse “[...] vício de reter, de manter vivo determinados momentos, com o medo do esquecimento”. Susan Sontag (1983) aborda questões referentes à fotografia e ao seu uso atual. Já Vera Dodebei (2011) numa perspectiva analítica mais próxima à biblioteconomia, enfatiza a questão dos arquivos digitais, suas fragilidades e a problemática que envolve a memória coletiva. Pode-se, então observar que existem alguns estudos que perpassam as diversas áreas do conhecimento aqui abordadas. Todavia, pretendo unir esses temas diversos e dessa forma, contribuir para a continuidade das pesquisas em torno deste problema que tende a se intensificar com o tempo.

3 OBJETIVOS

O Projeto Final teve seus objetivos descritos abaixo:

3.1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre as relações entre memória e fotografia, sobretudo a partir do advento da fotografia digital.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Perceber a intenção de "imortalização" que está subjacente aos processos de registros das imagens
- Perceber a intenção de uma constante "publicização" dos espaços "privados" a partir da disseminação das imagens e fotografias pessoais em ambientes virtuais / redes sociais;
- Refletir sobre como as redes sociais, sobretudo o Facebook tem fomentado a produção imagética-fotografia de forma exacerbada.

4 METODOLOGIA

Pretendeu-se fazer um levantamento bibliográfico de estudos que já veem sendo realizados sobre a temática da fotografia e suas relações com a memória social. A partir dessa pesquisa, esperou-se interligar os conceitos abordados por autores da área com uma pesquisa de campo em uma rede social, mais precisamente no Facebook.

Foi feito uma análise de conteúdo, através da observação de um perfil no Facebook, no período de tempo de um mês. Esse perfil foi escolhido com base no critério de assiduidade e frequência de postagens de fotografias pessoais, ou seja, foi um perfil ativo que posta fotografias com uma grande frequência, usando inclusive mais de uma ferramenta de publicação, como o Instagram, por exemplo.

Após uma coleta dessas postagens, buscou-se uma aproximação dos conceitos bibliográficos levantados com as fotografias detectadas na análise de conteúdo. A análise foi restrita as publicações de fotos. A forma como essa pessoa fotografa sua vida e relações pessoais e como divulga suas experiências via Facebook. Os conceitos que foram identificados nessas postagens foram: memória coletiva e memória social, espetacularização, dialogia, gêneros discursivos, diálogo, palavra, alteridade, identidade e responsividade.

Além disso, foi elaborada uma declaração para que o dono desse perfil escolhido pudesse autorizar o uso das imagens que postam para os fins didáticos deste trabalho. O nome do dono do perfil escolhido foi trocado, a fim de preservar sua identidade pessoal.

5 SOBRE FOTOGRAFIA

5.1 UM BREVE HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA: DO ANALÓGICO AO DIGITAL

Desde meados do século XVI, quando J.B Porta (1541-1615) começou a utilizar a câmera escura, foram inúmeras tentativas de reproduzir uma imagem fiel do que acontecia na natureza externa do papel. Somente duzentos anos depois, que se deu a primeira impressão fotográfica, projetando-se os contornos de um indivíduo sobre uma folha de papel branco, num fundo escuro. Porém a imagem rudimentar se dissipava quando exposta à luz.

Todavia, houve um avanço com Nicéphore Niepce (1765-1833), que teve a ideia de usar como material sensível um betume da judéia, que a luz altera e torna insolúvel, fazendo com que as imagens obtidas se tornassem inalterável. Niépce compartilhou suas ideias e experiências com Daguerre (1787-1851) que através de outros experimentos, criou o daguerrótipo. Na década de 70, o daguerrótipo foi à primeira solução prática do problema fotográfico. Segundo Batista Jr. (2008, p. 3), o daguerrótipo “[...] ligava, ainda que precariamente, os objetos dispostos a sua frente.” De superfície prateada e de base rígida, o aparelho do inglês William Henry Talbot substituiu o daguerrótipo em metal, pela fotografia em papel. A partir daí, foram vários os experimentos e invenções até chegarmos à era da fotografia digital. Por fim, aperfeiçoando os processos, George Eastman criou a película de rolo de celuloide que permanece em uso até hoje.

No início, a fotografia era uma prática rudimentar e amadora, longe da escala em que foi produzida na época industrial. As primeiras câmeras fabricadas, por volta de 1840, eram manuseadas por seus inventores apenas. Não era considerada uma atividade profissional, era uma prática gratuita, sem nenhuma função social, distante de ser considerada como uma arte.

Em seu livro, “Sobre fotografia”, Susan Sontag (1981, p. 8) afirma que com o tempo a fotografia começou um processo de “[...] democratização de todas as experiências através de sua tradução por imagens.” Para a autora o que diferenciava uma foto dos antigos registros, era que a fotografia não prescinde de interpretação, mas era um fragmento real do mundo, um pedaço de tempo real congelado.

Vale destacar que a fotografia surgiu com um meio de registro revolucionário, pois através dela pessoas de lugares diferentes do mundo puderam ampliar o seu conhecimento, disseminando informações através de registros de paisagens, lugares, cerimônias típicas entre outros. Segundo Lima e Carvalho (2009, p. 31):

A fotografia popularizou o retrato e levou aos recantos mais distantes do mundo essa “caixa de pandora”, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos, de tipos humanos, retratos com apelos eróticos, paisagens urbanas das metrópoles, imagens chocantes de guerras e de conquistas científicas.

Seja como atividade profissional ou artística, a fotografia, desde sua invenção mudou a forma da sociedade enxergar o mundo e registrar o momento. Segundo Samain e Felizardo (2007, p. 217) “[...] fotografamos a vida, a arte, a morte, o acabado e inacabado, fotografamos para ver depois, para sentir o que sentimos no instante da captura, sentir o próprio momento do passado, no presente”.

A evolução da fotografia digital aponta para o aniquilamento gradual da fotografia analógica. Bem diferente das antigas fotografias que compunham os primeiros álbuns de família, a fotografia digital pode ser armazenada em meio eletrônico, em suportes como os computadores, CD-ROM, cartões de memória, pen-drivers e outros, tendo assim, uma rapidez de armazenamento e recuperação que a fotografia analógica não dispõe. Todavia, esses suportes não são tão confiáveis quanto o papel. As imagens digitais podem ser facilmente apagadas, por vírus, acidentalmente, ou por um simples erro do teclado.

Já com as fotografias reveladas e armazenadas em papel, a destruição é mais difícil, a não ser que o dono da fotografia resolva descartá-la por algum motivo pessoal, esses arquivos só podem ser destruídos por alguma catástrofe, como um incêndio, por exemplo.

Além disso, a fotografia digital pode ser modificada com mais facilidade, alterando-se os valores inicialmente dados a ela. O computador permite juntar, clonar, compor, filtrar, colorir dentre outros recursos, fazendo com que a imagem digital perca sua fidedignidade como um documento.

Outro fator que deve ser levado em conta, quando abordamos a questão da fotografia digital e das mudanças que essa causou na maneira da sociedade de “tirar” fotos, é a seguinte: Como manteremos uma memória de nossa sociedade atual, se a maioria dos arquivos produzidos atualmente está em um ambiente fragilizado e suscetível a perdas e danos? Seríamos protagonistas de uma “era sem memória”? Segundo Oliveira (2006, p. 6):

Não se pode descartar o digital, mas também não se pode simplesmente abandonar o analógico, sem qualquer preocupação com o passado, presente e o futuro. Afinal o que seria da memória dos séculos XIX e XX se não fossem as fotografias produzidas em negativos, que armazenam até hoje imagens importantes da nossa história?

Com isso, percebe-se que a problemática da fotografia digital vai além das questões de reprodução e uso, mas gera também conflitos quando se trata da questão da memória futura da sociedade.

5.2 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO

Segundo Bucceroni e Pinheiro (2009, p. 1), “[...] a fotografia consiste no suporte, papel, slide, álbum, jornal e outros, acrescido da imagem fotográfica, representação visual, que guarda em si características específicas.” Ou seja, a fotografia é um documento, pois guarda em si informações a respeito de determinados momentos, ações e pessoas. Desde sua criação, a fotografia levantou questionamentos no campo da arte, todavia, sempre houve um consenso de que esta teria o papel de documento. Porém, existem algumas diferenças na forma como a fotografia é vista, como documento. Em seu livro, “La Photographie”, André Rouillé (2005,

p. 25) diz que “O valor documental da imagem fotográfica não é dado pela sua natureza intrínseca, e sim pelas circunstâncias, usos, condições de recepção e crenças”.

Já para a Ciência da Informação, que neste estudo é a definição que mais nos interessa, a fotografia é basicamente estudada como informação e documento dentro da representação e recuperação da imagem fotográfica, e questões sobre sua produção, arquivamento e preservação.

Para que fique mais explícita a noção de fotografia como documento, pode-se observar a definição de documento. Segundo Paul Otlet (1934, p. 45) apud Bucceroni e Pinheiro (2009, p. 5) “[...] toda espécie de documento é um livro, a documentação, compreende elementos que servem para indicar ou reproduzir um pensamento visto, sobre não importa qual forma.” Além disso, Otlet destaca a importância da fotografia como documento e expressão do seu tempo, quando afirma que o conteúdo vasto do mundo acessível ao homem foi fotografado e continuará a ser assim.

Os autores Lima e Carvalho (2008, p. 35) afirmam que a fotografia é um “[...] vasto manancial de documentos que os historiadores têm de se movimentar.”. Na perspectiva do que seria documento, pode-se afirmar que a imagem fotográfica se constitui, sim, um documento, pois carrega em si informações, e serve como produção de conhecimento, assim como qualquer outro documento informacional. De acordo com Lima e Carvalho (2008, p. 35):

Objeto que troca de mãos, é reproduzido em revistas de grande circulação, integra álbuns, deixa o arquivo de uma agência para ilustrar uma matéria jornalística, transforma-se em cartão postal, em obra de arte nas paredes de galerias e museus, fica para sempre guardado em armários mofados até sua deterioração, é redescoberto por curadores, é restaurado.

Conclui-se então, que a fotografia tem seu valor documental e é muito utilizada como fonte histórica. Seu uso como documento é válido como prova, pois representa o real. Dessa forma, a Ciência da informação e as pesquisas na área de documentação consideram a fotografia como suporte informacional que deve ser tratado como documento.

5.3 A FOTOGRAFIA E SEUS TEMPOS

Como já foi observado no presente trabalho, sabe-se que a fotografia se constitui um lugar de memória, a partir do fato que ela representa um tema retirado de seu contexto original, espacial e temporal e é decodificado na forma de imagem. É memória, pois registra cenários, personagens, objetos, fatos. É sempre memória daquele determinado assunto. Segundo Boris Kossoy (2007, p. 132) “A memória do homem e de suas realizações tem se mantido sob as mais diferentes formas e meios graças a um sem número de aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos 160 anos.” A fotografia é fator de perpetuação da memória coletiva nacional, através da documentação dos monumentos, cidades, arquiteturas, paisagens e vistas urbanas. Além disso, tem sido fonte de perpetuação da memória individual, pessoal, gravada pelo registro imagético. Desde os álbuns de família, até sua popularização, o ato de retratar-se, tem sido mecanismo de continuidade da memória pessoal. A aparência do homem congelada, os diversos momentos passados durante uma vida. Atualmente são registrados de maneira exagerada até, a fim de salvaguardar uma história pessoal, uma espécie de “museu de si mesmo”. Boris Kossoy (2007, p. 133) afirma que:

[...] a perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado, uma fatia de vida (re) tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem.

Além disso, Kossoy (2007, p. 133) analisa a fotografia como sendo possuidora de diversos tempos. Numa primeira instância, o autor afirma que uma única fotografia possui dois tempos: O tempo da criação e o tempo da representação. Segundo ele:

O tempo da criação, o da primeira realidade, instante único da tomada do registro no passado, num determinado lugar e época, quando ocorre a gênese da fotografia. E o tempo da representação, o da segunda realidade, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente em sua trajetória na longa duração.

Ou seja, o primeiro tempo, da criação, paralisa o acontecimento, fixa à ação, esse tempo se refere ao ato de fotografar em si, o momento em que se produz a fotografia. O tempo da criação é efêmero, um momento que desaparece. Já o tempo da representação, é o tempo que se convive por meio de lembranças mantidas através das fotografias, é o momento em que se rememoram os álbuns e porta-retratos. É um tempo petrificado eternamente, é um momento perpétuo que se conserva através das lembranças suscitadas por uma fotografia. Além disso, a fotografia possui também dois tempos que são consequência de sua delimitação histórica e evolução tecnológica. Os tempos clássicos e eletrônicos da fotografia. Outrora, as fotografias

levavam tempo para serem apreciadas, tempos prolongados até. Atualmente, com o advento da máquina digital, esse tempo praticamente não existe. O tempo de criação e de representação é praticamente diluído no mesmo instante.

Outro tempo que a fotografia carrega em si é o tempo reciclado. Segundo Boris Kossoy (2007, p. 142), o mundo das imagens é paralelo ao mundo real, é um mundo fechado em si mesmo, afinal nas imagens é perpétua e no mundo real efêmera. Ele enfatiza que:

A realidade das imagens é a da aparência do duplo, dos corpos possuídos ou tomados do real, substitutos de seus modelos em escala real, tridimensional, simulacros, que, no espaço e no tempo, passam a ocupar o seu papel de vida eterna, postos que infinitos na duração. Representações vazias, plenas de aparência e significados perdidos.

Essas velhas imagens podem retornar ao convívio social e ter função de representar algum indivíduo ou uma família, alguém que precisa ser identificado. Essas fotografias podem ser rejuvenescidas, caso estejam envelhecidas através de tratamentos de restauração e preservação eficientes. A isso se denomina reciclagem das imagens. Através desses mecanismos que trazem de volta fotografias antes esquecidas pelo tempo, controla-se eficazmente a memória, pois essas imagens tratam de novas memórias, que remetem a histórias novas também. Segundo Kossoy, (2007, p. 143) “[...] tempos reciclados estabelecem novos ciclos para imagens sem identidade, re-elaboradas, re-interpretadas segundo os mesmos processos de criação/construção de realidades.”

Outro fator muito bem analisado por Boris Kossoy (2007), nesta perspectiva da fotografia e seus tempos, é a comparação que ele faz da fotografia como uma espécie de máquina do tempo. Segundo o autor, o produto de uma máquina fotográfica, as imagens permitem aos indivíduos rememorarem o tempo. Através das lembranças suscitadas por uma foto, é possível revisitar cenários e situações passadas e viver uma ilusão documental, através das fotografias. Kossoy (2007, p. 146) afirma que “[...] com a fotografia, descobriu-se que, embora ausente, o objeto poderia ser representado, eternamente. É este o tempo da representação, que perpetua a memória na longa duração.”

Além disso, através das imagens fotográficas é possível aprender, recordar e criar novas realidades. Kossoy (2007, p. 147) aponta a interação entre o que ele chama de “imagens técnicas e imagens mentais”. Ou seja, existe uma interação entre as fotografias e as imagens mentais que cada indivíduo carrega em si, fruto de suas vivências; Como num fluxo ininterrupto, a mente humana cria viagens entre os “filmes” individuais, sonhos, segredos, com as fotografias. Kossoy (2007, p. 147) ressalta que “[...] tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que as pessoas, em geral, julgam estáticas. Através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão.” A partir de tais constatações, é possível então concluir que a imagem neutra, torna-se um objeto carregado de significações ao entrar nessa dinâmica humana, onde cada indivíduo vai apreender e interpretar a fotografia de acordo com sua própria imagem mental. Sem dúvidas a fotografia revolucionou a forma de ver o mundo. Não fosse seu advento no século XIX, certamente o mundo não seria o mesmo. Kossoy (2007, p. 159) afirma que: “O que seriam dos cenários, personagens e fatos sem um espelho com memória para registrá-los?”. É mesmo impossível imaginar o mundo sem essa ferramenta que é capaz de congelar um momento e tornar acontecimentos meramente efêmeros e fatos capazes de serem recordados.

5.4 DOCUMENTO FOTOGRÁFICO DIGITAL: QUESTÕES SOBRE SUA PRODUÇÃO E FRAGILIDADE

Desde seu surgimento, no final dos anos 1980, a fotografia digital anunciou uma nova era na prática de fotografar. A fotografia analógica teve seu declínio, e atualmente a fotografia digital domina por completo o mercado imagético. A fotografia, em todo seu processo, filme-revelação-ampliação, passa por profundas transformações através da fotografia digital. Segundo Samain e Felizardo (2007, p. 207), “[...] assume, talvez, uma nova identidade ao revolucionar novamente o mercado fotográfico e o cotidiano das pessoas, ao oferecer novas formas de produzir e de pensar as imagens através dos moldes das câmeras digitais”.

Com isso, a fotografia toma um novo rumo, definidos pelos fotógrafos como incerto ainda, apesar de que seja visível o uso excessivo dessas imagens, na maioria das vezes despreocupados, sem critérios nenhum, chegando à banalização. A fotografia digital, sem

dúvidas, popularizou o uso das câmeras fotográficas, o que trouxe algumas revoluções: a imediata visualização da fotografia no visor da câmera, o que talvez seja sua característica mais nobre, os menores custos, a enorme facilidade de manipular essas imagens, a facilidade também de transmitir as fotos para outros suportes. Como afirmaram Samain e Felizardo (2007, p. 208), “[...] a fotografia, ganha um novo suporte para se tornar ainda mais popular, mais acessível e presente na vida das pessoas.” Basta se observar as ruas hoje em dia, em um rápido passeio por qualquer ponto turístico da Cidade, em que milhares de pessoas portam uma câmeras digitais, de modelos e tamanhos variados, em busca da melhor foto. Não basta viver os momentos, tem-se que registrá-los.

Não se pode negar que os atributos da câmera digital são infinitamente mais sedutores que a da antiga analógica. É sem dúvida muito mais agradável sair portando uma máquina pequena, leve, capaz de tirar inúmeras fotografias que serão vistas imediatamente, e que ainda nos dão a oportunidade de eliminar as que não nos agradem. Todavia, a fragilidade imagética e o descomprometimento do sistema têm levantado indagações. Devido à propensão à erros, à fácil eliminação, à exagerada manipulação de imagens que se pode fazer, fica a pergunta: seria essa fotografia considerada um documento fiel da realidade, como a antiga fotografia analógica pretendia ser? Segundo Lunenfeld (2011, p. 6):

Mesmo que o sistema analógico tenha tido como característica intrínseca uma inerente imutabilidade, a fotografia digital tem uma ligação tão inextricável a outros elementos da computação gráfica que as suas qualidades singulares se desintegraram. Nos domínios digitais todas as imagens estão sujeitas à alquimia visual dos paint programas que oferecem ao usuário um conjunto de ferramentas para modificar a qualidades dos pixels.

Ou seja, a fotografia digital não pode mais assumir um caráter como documento legítimo, pois está suscetível a modificações, alterações que podem ser irreversíveis, além disso, sua fragilidade é inerente ao suporte em que esta é armazenada. CD’s e DVD’s não duram para sempre, algumas mídias podem durar um pouco mais de dois anos, ou até menos. Se ocorrer algum problemas relacionado à fadiga do material ou uma ranhura, é impossível recuperar os dados ali gravados. Pen drivers também tem vida útil curta, e são da mesma forma suscetíveis à entrada de vírus ou a depreciações que podem ocorrer com o tempo, o que levaria a perda total de todo conteúdo ali armazenado. Computadores e HD’s são também frágeis quando o assunto é armazenamento de fotografia digital. Bancos de dados online podem minimizar essa

questão, pois na rede as fotografias não ficam tão sujeitas à perda como nesses suportes antes mencionados. Entretanto um banco de dados tem custos e exigem manutenção.

Acredita-se que a fotografia digital ainda apresenta diversas fragilidades como documento. Porém, tudo dependerá da maneira como essa nova fotografia será tratada, conservada e recuperada, pois essa facilidade toda pode representar perdas irrecuperáveis do ponto de vista da memória pessoal e coletiva.

6 USOS E ABUSOS DA FOTOGRAFIA DIGITAL: MEMÓRIA, ESQUECIMENTO, ESPETACULARIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

6.1 A “CULTURA DA MEMÓRIA” E O MEDO DO ESQUECIMENTO

Pode-se perceber que a sociedade contemporânea está sendo protagonista de um fenômeno que alguns estudiosos denominam como a “cultura da memória”, ou seja, estamos inseridos em uma época onde a memória está em alta. A maioria das instituições, seguindo essa linha, estão criando espaços de memória, lugares destinados a guardar, manter vivos no tempo sua memória institucional. Além disso, nota-se também o “boom” da moda retro, dos utensílios de época, como diz Andreas Huyssen (2000, p. 14):

A comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós modernos, a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão.

Ou seja, não restam dúvidas de que o mundo está sendo musealizado, como se pretendesse uma recordação total, uma cultura da memória. A memória tornou-se, segundo Huyssen (2000) uma “obsessão cultural”. A atual sociedade convive diariamente com o medo do esquecimento, o que leva a construção desenfreada de maneiras de se recordar, congelar o tempo, para que nada se perca.

Nessa perspectiva, pode-se inferir que é o medo do esquecimento que tem levado a sociedade a essa “cultura da memória”. Talvez devido à rapidez e grande quantidade de informações que estamos submetidos atualmente, advenha essa necessidade de reter, de salvaguardar o momento que passa cada vez mais rápido. Segundo Huyssen (2000) o esquecimento e a

lembança, são partes constituintes da memória, ou seja, não há memória sem esquecimento. Mas a questão que se levanta é a seguinte: Seria o medo do esquecimento, que estaria fomentando essa obsessão pela memória? Ou seria ao contrário? De acordo com Huyssen (2000, p. 19):

É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar, ou é, talvez o contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto o medo do esquecimento.

Além desse questionamento, a questão maior que fica é: por que essa obsessão pelo passado? Por que esse medo do esquecimento? Uma alternativa a essas perguntas seria a velocidade sempre crescente de informações e inovações tecnológica a que estamos sendo submetidos. É como se não tivéssemos mais referencial de uma época, os objetos tecnológicos já nascem obsoletos, não se tem um marco que faça de tal época um fato a se lembrar. Daí, recorremos ao passado, na busca de uma identidade, talvez. Segundo Huyssen (2000, p. 32):

Nosso mal estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentimentos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltarmos para a memória em busca de conforto.

Conclui-se então que quanto mais rápido se produz, quanto maior a velocidade que se vive, mais o ser humano tem necessidade de diminuir o ritmo. E a memória é um recurso que os indivíduos tem recorrido a fim de buscar esse tempo que parece perdido.

6.2 A ESPETACULARIZAÇÃO CAUSADA PELAS REDES SOCIAIS

Um fenômeno que vem alterando a forma de fotografar da atualidade são as redes sociais. Com o objetivo de unir pessoas que estejam interconectadas por diversos motivos, esses sites são um meio de achar outras pessoas na internet. As redes sociais geralmente funcionam tendo como base os perfis de usuário - uma coleção de fatos sobre o que um usuário gosta, não gosta, seus interesses, hobbies, escolaridade, profissão ou qualquer outra coisa que ele deseja compartilhar, além de álbuns de fotografia. O uso dessa ferramenta de comunicação tem se intensificado nas últimas décadas. Facebook, Orkut e twitter são as principais, porém ainda existem outras menos populares que possuem basicamente a mesma função.

Nota-se que está havendo uma “publicização” de eventos particulares nesses espaços públicos, atualmente as pessoas estão lançando mão das páginas de redes sociais para mostrar o que fazem, como fazem, quando fazem e com quem fazem. Tudo é motivo de ser postado, seja um almoço em família, uma praia com os amigos no fim de semana ou o engarrafamento que enfrentou para chegar ao trabalho. As redes sociais tem gerado essa necessidade de compartilhar com os seus amigos o que está acontecendo na sua vida.

O teórico Frances Guy Debord (1997) desenvolveu o termo a “sociedade do espetáculo” a fim de retratar essa nova forma de viver, onde a sociedade de consumo é organizada em torno de produzir e consumir mercadorias, imagens e eventos culturais. Debord (1997 p. 14) aponta que o espetáculo “unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes.” E que “sem dúvida o nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade.” (DEBORD, 1997, p. 13) Aponta também que o “espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” Debord (1997, p. 14).

E, é exatamente isso que podemos observar nas diversas redes sociais, uma espetacularização do eu. Cada pessoa quer ter seu “minuto de fama”, postando fragmentos da sua vida e compartilhando com seus amigos virtuais. Segundo Kellner (2004, p. 119):

Durante as ultimas décadas, as indústrias culturais possibilitaram a multiplicação dos espetáculos nos novos espaços midiáticos e em sites, e o espetáculo em si, tornou-se um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana. Uma economia baseada na internet vem utilizando a alta tecnologia como um meio de promoção, reprodução, assim como de circulação e venda de produtos, usando a multimídia e tecnologias avançadas para impressionar consumidores.

Dentro dessa perspectiva, observa-se que uma das formas mais comuns de promover nesses espaços o que se está fazendo, é através de fotografias. As fotos constituem um registro incontestável do que foi vivido. Sendo assim pode-se até mentir escrevendo como foi o fim de semana, mas jamais se mentiria postando uma fotografia do “fim de semana maravilhoso”, embora a foto possa mostrar algo diferente do contexto vivido, podendo passar uma imagem falsa, de que o evento foi bom, quando na verdade foi ruim. Com uma fotografia não se pode

negar que o evento de fato ocorreu e segundo Sontag (1983, p. 16), “[...] fotos fornecem testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto”.

Dessa maneira, as redes sociais têm fomentado essa prática desenfreada de tirar fotos, de registrar os momentos, nesse caso, não com o intuito de congelar um momento, mas de mostrar a outros que o momento foi vivido. De acordo com Batista Jr (2008, p. 7):

A potência da máquina fotográfica induziu as pessoas a crerem que o tempo consiste em acontecimentos interessantes, dignos de serem fotografados. E se são dignos de serem fotografados, não é estranho o fato de que todos tem prazer em exibir suas fotos aos outros.

Outro autor que aborda essa questão em sua mais recente obra “Os tempos da fotografia” é Boris Kossoy (2007). Na presente obra ele levanta a seguinte questão “Qual será o uso dessas imagens e que tipo de controle exercerão essas instituições sobre a memória”? Memória essa individual e coletiva. O uso indiscriminado de imagens nas redes sociais, sobretudo no Facebook, que é objeto de análise do presente trabalho, pode ter precedentes destrutíveis para a questão da organização e seletividade da memória, pois se produz muitas imagens, desenfreadamente sem se preocupar com o conteúdo que essas fotografias carregam em si, sem se preocupar com o que se está registrando para o futuro. Além disso, deve-se observar que quando se trata de uma rede social como o Facebook, o que leva as pessoas a registrarem é mais a repercussão que determinada imagem irá causar do que o próprio fato fotografado em si. É o que Kossoy (2007, p.141) denomina como “vitória da máscara fantasmagórica sobre o ser original”, ou seja, muitas das fotografias postadas diariamente no Facebook, foram tiradas pensando na sua representação na rede social, e não no fato em si. Isso pode acarretar um predomínio de imagens sem sentido, afinal, o sentido é apenas imediato, mas passado a repercussão das redes sociais sobre determinada fotografia, como recuperar essa memória? Como saber a verdadeira intenção por trás de dessa imagem? Segundo Kossoy (2007, p. 141) “Os fatos importam menos que a sua representação. Cria-se fatos para sua intensa repercussão midiática. Os fatos pelos fatos, esses não mais se sustentam, numa sociedade ávida por representação e pela notícia-espetáculo.” Ou seja, se vai gerar “comentários”, “curtidas” e “compartilhamentos”, uma imagem merece estar na rede. Esse

tem sido o maior fator motivacional de registros fotográficos digitais atualmente, o espetáculo, a repercussão que determinada foto irá causar na rede social.

Além disso, outro problema identificado nas imagens postadas, sobretudo no Facebook é o do contexto cultural das fotografias, ou melhor, do descontexto em que determinadas fotografias são postadas. Em 2012, criou-se uma rede social chamada Instagram. Inicialmente era um aplicativo disponível apenas para Iphone, mas atualmente pode ser acessado de qualquer celular com sistema Android. Instagram é um aplicativo gratuito que permite aos usuários tirar uma foto, aplicar um filtro e depois compartilhá-la em uma variedade de redes sociais, incluindo o próprio Instagram. Essa rede social tem como finalidade postar fotos com filtros diferenciados, tiradas em qualquer lugar ou situação, oferecendo a aparência de “antigo” as imagens. Essa rede é compartilhada diretamente via Facebook, ou seja, uma vez postada à foto no Instagram, essa é compartilhada automaticamente na sua página do Facebook. Pode-se observar ultimamente, um grande crescimento do uso dessa ferramenta; muitos usuários postam diariamente diversas fotos, lançando mão dos filtros do instagram no Facebook. Nesta perspectiva o que se deve analisar é que a partir do momento em que uma imagem tirada no ano de 2013 passa a carregar características intrínsecas de uma imagem tirada na década de 70, por exemplo, ocorre uma descontextualização cultural e simbólica das informações ali carregadas. Segundo Kossoy (2007, p. 141):

Quando as imagens se desconectam de seus tempos intrínsecos, passamos a ter diante de nós próteses fotográficas, cuja função é a de ilustrarem os mais diversificados temas; imagens ilustrativas que podem ou não, ter algum vínculo espacial/temporal com o tema tratado no texto ao qual é aplicada. Trata-se de ficções documentais: Conteúdos imagéticos transferidos de contexto, situação típica do processo de criação/construção de realidades.

Nota-se então, que essa ferramenta que permite o aparente “envelhecimento” de uma imagem pode acarretar no deslocamento temporal entre o fato acontecido e sua representação e referência.

6.3 A FOTOGRAFIA COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA

Para Pierre Nora, os lugares de memória surgem da incapacidade que o ser humano tem de manter uma memória espontânea. Por isso, criamos registros, comemorações, estátuas, fotografias, tudo na intenção de abrigar uma memória que, por nós mesmos somos incapazes de manter. Segundo Pierre Nora (1993, p. 3):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora.

As fotos tem o poder de trazer à tona inúmeras lembranças do que foi vivido. Olhar uma fotografia é manter a memória viva em torno de determinado acontecimento, afinal a fotografia é um fragmento de tempo congelado. Esse e outros fatores levam-se a inferir que uma fotografia é um lugar de memória. A fotografia tem um caráter intrínseco de recordação. Segundo (BRESSION, 1971 apud BATISTA JR., 2008, p. 1), “De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre os instante preciso e transitório.” Ou seja, a fotografia é uma representação do real, um fragmento de tempo congelado. Diferente da escrita, da pintura, do desenho, como formas de registro, a fotografia é a maneira mais rápida, moderna e precisa de eternizar um momento, perpetuar a memória, resgatando a lembrança. Além disso, é sabido que a memória é composta de imagens, de acordo com Samain e Felizardo (2007, p. 213) “[...] no processo de rememoração, da memória propriamente dita, nós nos valemos das imagens das coisas.” Então, pode-se inferir que a fotografia é um dos melhores suportes de rememoração do passado que se dispõe. Os lugares de memória são lugares ligados a uma lembrança, e a memória é constituída de lembranças. E “a fotografia carrega consigo a magia da (RE) criação,” do passado, ela “suscita e ressuscita sentimentos” (SAMAIN e FELIZARDO, 2007, p. 215). Fotografias, sobretudo as pessoais, ajudam a construir a identidade, são pedaços da nossa história. De acordo com Samain e Felizardo (2007, p. 217) “Fotografar significa congelar no tempo a nossa memória, atestar e perpetuar a nossa existência.” E com o passar dos anos, as situações, lugares e pessoas vão se modificando e o que resta é a fotografia, como registro de uma época, como um lugar de memória. Segundo Kossoy, (1999, p. 26) apud Etienne (2007, p. 215) “[...] as pessoas

envelhecem e morrem, os objetos e equipamentos se modificam e se deterioram com o tempo. O que resta é a fotografia, o que nela ficou registrado se materializa e se imortaliza”.

6.4 A MEMÓRIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Sabe-se que a memória é um fenômeno construído coletivamente, ou seja, é um fenômeno social e coletivo que está sujeito a transformações e mudanças. Há, porém, tanto na memória coletiva quanto na individual marcos relativamente imutáveis, invariantes. São lembranças solidificadas, que não se alteram com o tempo. Isso acontece quando a memória é construída coletivamente, onde o trabalho de solidificação dessa memória é tão grande por parte da sociedade que impossibilita a ocorrência de mudanças.

Alem disso, toda memória, seja coletiva ou individual é constituída de determinados elementos. Os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos por tabela, ou seja, acontecimentos, que nem sempre a pessoas participou, mas que faz parte do imaginário social em que o ser humano está inserido. Segundo Pollak (1992, p. 2):

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Além disso, a memória também é constituída por pessoas, personagens e lugares. Lugares de memória, que são lugares ligados a lembranças, que rememoram acontecimentos individuais e públicos, como os monumentos, as datas comemorativas, são os apoios da memória social e coletiva.

No que diz respeito à identidade social de um indivíduo, a memória é fator determinante na forma como esse indivíduo vai construir a sua identidade. Sabe-se que a memória é seletiva, ou seja, nem tudo fica gravado, nem tudo é registrado para sempre, excetuando-se a memória herdada, aquela que é fruto de um convívio social, que é imutável, os momentos, pessoas e lugares que são rememorados são seletivos, sofrem flutuações. Pollak (1992, p. 5) afirma que: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de

um verdadeiro trabalho de organização.” Pode-se então afirmar, a partir das considerações de Pollak (1992) que a existe uma estreita relação entre a memória e a identidade, pois a também é um fenômeno construído e reconstruído ao longo da vida. A identidade é formada pela imagem que um indivíduo tem dele próprio, a imagem que ele constrói e a que apresenta aos outros de si mesmo. E isso fica evidenciado no Facebook. O “perfil” construído pelo indivíduo que é o dono da página nesta rede social, nada mais é que uma construção da imagem que esse indivíduo deseja passar. Com postagens intencionais, pode-se criar um perfil identitário através de uma página na internet, o que pode ser construído de forma intencional e falsa. Além disso, a identidade se constrói, tanto no Facebook, como na vida, a partir de uma relação de alteridade, ou seja, a partir da relação com o outro. Segundo Pollak (1992, p. 5):

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento é, obviamente, o outro. Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros.

Outro autor que reafirma que a construção de uma identidade só se dá a partir do outro é Denys Cuche (2002, p. 183), que afirma que “[...] não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação à outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética.” Pode-se então dizer que é no encontro com o outro, e através desse encontro que o indivíduo constrói sua identidade ao longo da vida. Alterando, reconstruindo e modificando seus elementos conforme momentos e situações que vivencia.

7 ESTUDO DE CASO: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK

7.1 OS DILEMAS BAKITNINIANOS NA LINGUAGEM VIRTUAL

A fim de explicitar melhor as relações estabelecidas pelas fotografias postadas nas redes sociais, sobretudo no Facebook, pode-se observar a partir dos conceitos expressos por Bakhtin (2009, 2010) que são: alteridade, dialogia, diálogo, responsividade, gêneros discursivos e

palavra, as relações que se estabelecem nas linguagens virtuais. Segundo Silva e Araújo (2007, p. 1):

O novo ato dialógico que nasce na interação virtual mediada pelo computador assume uma dimensão revolucionária na unidade espaço-tempo da comunicação social tornando-a relativa e singular na sua própria existência.

Ou seja, é no espaço virtual que essas interações veem se estabelecendo de uma maneira bem peculiar, trazendo a tona questões de ordem linguística e de identidade. Para Bakhtin, toda a cadeia de inter-relações que se dá no ambiente virtual é composta de dialogismos, ou seja, de trocas de informações entre diversos sujeitos, direta ou indiretamente.

Outro fator que deve ser observado, em relação às fotografias que são constantemente postadas no Facebook, é que assim como em um diálogo, a foto postada age como uma voz, que transmite uma mensagem, uma informação, e para Bakhtin (2009, 2010) tanto na comunicação cara a cara quanto no ambiente virtual, o que o interlocutor aguarda é uma resposta ao que foi dito, uma objeção, uma concordância, algum tipo de reação. O que é para Bakhtin (2009, 2010) uma “atitude responsiva dos enunciados” E é exatamente para isso que se publica uma foto em rede social. Os próprios mecanismos do Facebook remetem a isso, o "curtir", "compartilhar" e "comentar" são as formas de relacionamentos que podem ser criados em cima de uma simples postagem. E a partir desses mecanismos, outros diálogos podem surgir. A partir de uma fotografia que foi postada com determinada intenção, podem surgir diversas outras intenções e enunciados, que retornam, reiteram, refutam e reforçam o enunciado anterior. De acordo Silva e Araújo (2007, p. 2). "O discurso virtual assim como a linguagem em Bakhtin está sempre em movimento, inacabado, suscetível de renovação, e acontece a cada diálogo, a cada instante da relação entre os sujeitos."

Dessa forma, os sujeitos começam a criar e recriar seus valores identitários e sociais a partir de suas postagens em ambientes eletrônicos. A fotografia digital é o carro-chefe dessa revolução imagética vivida na modernidade. As redes sociais fomentam essas inter-relações e possibilitam que esses diálogos sejam constantes, diários até no ambiente virtual. Ainda segundo Silva e Araújo (2007, p. 2). “[...] a modernidade virtual, através dos meios de comunicação produz a fluidez e coopera no processo de descartabilidade e reconstrução simultânea de outras identidades."

Por fim, o dilema que Bakhtin traz à tona, e que para a atual sociedade da informação, é o do reconhecimento do "eu" e do "outro", que uma vez interligados, no ambiente virtual, se inter-relacionam a todo instante, criando e recriando significados e significantes, produzindo e reproduzindo diálogos através de enunciados. Nesse sentido serão analisadas as postagens, buscando alguns desses conceitos e relações no dia a dia virtual.

7.2 CONCEITOS BAKHTINIANOS APLICADOS AO FACEBOOK

Pode-se notar que os conceitos Bakhtinianos são muito bem aplicáveis ao ambiente virtual. Dessa maneira pretende-se analisar cada um desses conceitos de inter-relação das pessoas com os enunciados e fotografias postados diariamente no Facebook. E partir daí traçar uma análise concreta da intencionalidade por trás de cada postagem.

O primeiro conceito a ser analisado é o conceito de alteridade proposto por Bakhtin. Segundo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2009, p. 13) "[...] é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se." Ou seja, alteridade advém do fato de que todas as relações de comunicação são constituídas a partir do outro. É no outro que o "eu" encontra subsídios para suas ações e isso se consolida socialmente pela palavra. Toda interação, é baseada no que o outro corresponde. Os indivíduos se constituem se transformam, se criam e se recriam através do outro. E isso fica muito claro ao se observar as relações estabelecidas em redes sociais, em especial, o Facebook. Todas as postagens, sejam de fotografias, frases, enunciados quaisquer, são publicadas intencionalmente para que o outro veja, a fim de que haja algum tipo de interação. É essa interação que Bakhtin denomina alteridade. De acordo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2009, p. 13):

Processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres. A alteridade é fundamento da identidade.

Sabe-se que toda identidade é construída e reconstruída por fatores sociais e culturais. Sabe-se também que uma identidade é composta pelo que se é, pelo que se deseja ser e pelo que se

parece ser para o outro. Então, o elemento chave do conceito de alteridade pode ser facilmente aplicado a essa construção de identidades vistas no ambiente virtual. Um enunciado pode ser postado com determinada intenção, mas só será validado quando for ao encontro com outras diversas intenções, construindo assim novos enunciados com significados afins ou distintos daquele primeiro.

Outro conceito abordado por Bakhtin é o de dialogia. Segundo o Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2009, p. 28): “[...] dialogia é atividade do diálogo e atividade dinâmica entre Eu e Outro em um território preciso socialmente organizado em interação linguística” Ou seja, é uma forma relação dialógica aonde o outro não precisa estar frente a frente ao sujeito informante, pode ser estabelecida, e comumente é, em ambientes virtuais. Segundo esse conceito, o indivíduo, que sempre espera uma resposta ao que expressa, age de forma intencional, de acordo com o feedback que irá receber frente ao que ele diz. Bakhtin aprofunda esse conceito quando diz segundo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2009, p. 29) que:

A dialogia é o confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão: Na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem [...].

Já o conceito de diálogo é mais restrito, segundo Bakhtin um diálogo é estabelecido na relação de pelo menos duas enunciações. Um diálogo é estabelecido por dois enunciados, onde um começa e espera a resposta do outro e assim sucessivamente. De acordo com Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2009, p. 31) "O diálogo real entre dois falantes é constituído por ao menos dois enunciados plenos a acabados, e se constitui na forma mais simples e clássica da comunicação discursiva”.

Ainda analisando os conceitos de Bakhtin (2010) pode-se observar um conceito bem explicitado por ele, o de gêneros discursivos. Segundo ele, os gêneros nascem a partir dos enunciados criados pelos indivíduos. E como toda construção humana, os enunciados são reflexos de várias atividades humanas, são “a memória e o acúmulo da história de suas

utilizações". Dessa forma, vão se construindo com o tempo, e são usados de acordo com situações bem específicas, com estilos próprios, tratando temas únicos e se compondo de formas específicas. Esse conceito também fica claro nas postagens de Facebook. Analisando-se cada postagem como um enunciado, nota-se que cada publicação se dará de maneira a compor um determinado fato e ambiente específico. Uma mesma pessoa pode postar enunciados bem distintos dependendo de fatores como para quem se está postando, quando se está postando, fazendo um link com os conceitos de dialogia e alteridade já aqui abordados. Para Bakhtin o que traça os gêneros discursivos é justamente essa pluralidade de maneiras de se criar um enunciado, segundo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2009, p. 50)

A repetição de uso daqueles enunciados naquela situação precisa, naquela atividade humana precisa, naquele jogo interativo preciso, vai estabilizando determinados tipos de enunciados que são os que chamamos de gêneros do discurso.

As formas específicas e características das postagens e comentários nas redes sociais, ou até mesmo e-mails, podem ser consideradas como um gênero discursivo específico, porque reconhecível.

E por fim, o conceito de palavra. Para o autor, a alteridade também se faz presente na palavra, afinal, ela se posiciona sempre na relação eu- outro. Ele considera a palavra como um fenômeno ideológico. É uma parte da realidade material, que se relaciona diretamente com a realidade, quando se transmuta em signo e adquire significação Ou seja, a palavra é um signo, que só pode adquirir significado frente ao outro, significado esse que pode variar conforme o contexto e conforme o próprio indivíduo. Todos esses mecanismos de linguagem só adquirem significado no encontro com o outro, é nessa intersubjetividade que a linguagem se mantém viva, Em conformidade com a abordagem bakhtiniana, Charaudeau (2012, p. 42) também argumenta que:

A linguagem nasce, vive e morre na intersubjetividade. É falando com o outro - isto é, falando o outro e se falando a si mesmo - que comenta o mundo, ou seja, descreve e estrutura o mundo. Assim, todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma 'relação', ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação. E isso também é verdade para o discurso de informação. O sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca.

Além disso, todo processo informacional, entre o fato e o relato do fato, existe uma margem para interpretação, que foge ao controle do enunciador/informante. Sendo assim, um enunciado / conteúdo informacional nunca é apreendido em seu estado inicial. Caberá ao

enunciador/informante criar mecanismos na comunicação para que o sentido que pretenda atribuir seja minimamente garantido/assegurado. Fato esse que comprova que em qualquer meio onde se estabelece um processo de comunicação, a mensagem pode ser diversas vezes criada e recriada, podendo até mesmo fugir de seu sentido primeiro. Charadeau (2012, p. 95) afirma que:

[...] definimos o mecanismo de construção do sentido do discurso como resultando de um duplo processo de transformação e de transação. Da relação dialética que se instaura entre esses dois processos, ressalta que o 'mundo a comentar' nunca é transmitido tal e qual à instância de recepção. Ele passa pelo trabalho de construção de sentido de um sujeito de enunciação que o constitui em 'mundo comentado', dirigido a um outro do qual postula, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença. O acontecimento se encontra nesse 'mundo a comentar' como surgimento de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito, em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa. Assim sendo, o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível.

Nota-se então que as dimensões de alteridade e dialogia é que levam a produção de sentidos, inclusive no Facebook, particularmente, aquele que mãos nos interessa neste trabalho.

7.3 ANÁLISE DE PERFIL DO FACEBOOK

A partir destes conceitos (alteridade, diálogo, dialogismo, generos discursivos e dimensão dialógica da palavra) e daqueles tratados nos capítulos precedentes (memória, identidade, espetacularização, entre outros) buscaremos novas inter-relações para a análise de um perfil do Facebook.

A fim de explicitar alguns conceitos abordados nesta pesquisa, no que concerne ao Facebook, foi feito uma análise do perfil de Alice. A análise foi restrita as postagens de fotografias que a dona do perfil fez, mas também fotografias que já haviam sido postadas em seus álbuns. A análise foi feita do dia 22 de dezembro de 2012 até o dia 22 de janeiro de 2013.

Como foi visto, nos conceitos aqui abordados, um dos principais fatores que tem levado a sociedade à essa ânsia por tudo fotografar, esse culto ao momento, é o medo do esquecimento.

Andreas Hyssen (2000) trata deste aspecto como sendo uma espécie de “obsessão cultural” pelo passado, pela memória. Esse aspecto pode ser facilmente observado, logo na figura 1, que se refere à foto do perfil da Alice.

FIGURA 1 - Nascimento



Alice: Yaya, minha princesinha linda!
Dindinha te ama muito!
Seja bem-vinda! *.*

Você, [Julio Vieira](#), [Rafael Coqueiro](#), [Danilo Percegoni](#) e [outras 23 pessoas](#) curtiram isso.

Own carinha de Ana Clara com William.!! [Curtir · 1](#)

q lindinhaaaa saudades de tu alineeee RS [Curtir · 1](#)

A cara do pai [Curtir · 1](#)

que lindaaa , sua afilhada? [Curtir · 1](#)

Seu filho? Nao sabia, parabens!!!!!! Kkkk

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3607392518300&set=a.1298973249261.37290.1678296388&type=3&theater>

Acesso em: 26/12/2012

Como podemos observar na figura 1, Alice deixou claro em seu enunciado, com o uso da expressão “bem vinda”, que se trata de uma criança que nasceu há pouco tempo. Posso ir mais longe e inferir que se trata de um bebê que acabou de nascer. Na verdade, essa foi a primeira

fotografia tirada da criança com ela, que é madrinha do bebê. Além das diversas conclusões a que podemos chegar ao nos depararmos com uma postagem como esta, o que pretendo ressaltar aqui é o fator *memorialístico* em questão. A intenção desta fotografia, a priori, talvez não tenha sido a de apenas mostrar a criança aos amigos da rede social, mas a de salvaguardar o momento do nascimento considerado, por muitos, como marco importante da vida de qualquer pessoa. Frequentemente podemos observar, nas redes sociais, fotografias de bebês recém-nascidos, fotos de parto, banho ou as primeiras travessuras. O registro dos primeiros momentos de vida de um bebê é considerado como algo fundamental, imprescindível na construção de sua identidade e trajetória de vida. É esperado que todos se valham de mecanismos para tornar esta lembrança recuperável; que estes eventos possam compor a memória individual e coletiva, da criança e dos que a cercam. Registrar este passado da infância para possibilitar uma lembrança permanente é também permitir uma presentificação dos eventos, sempre e quando necessário.

Como já vimos, a fotografia constitui um lugar de memória, lugar esse que Pierre Nora (1993) afirma que “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea”, ou seja, por sermos incapazes de guardar determinados momentos, criamos esses lugares de memória onde podemos relembrar, rememorar aquele dado instante. É muito provável que essa tenha sido a intenção maior dessa fotografia, a de manter viva, através do tempo, esse fragmento congelado, como lembrança de uma data que merece se tornar inesquecível. Afinal, sabemos que com o tempo a fotografia é o que resta, o que ali ficou registrado, que se imortaliza.

Passemos para a imagem de capa do Facebook de Alice. Embora exista, no perfil de Alice, várias imagens que remetem ao Clube, não vamos abordá-las aqui, já que nosso escopo se restringe às postagens de fotografias. Entretanto, tais imagens reforçam sua vinculação identitária e sentimental ao Clube e à coletividade que, com ela, compartilham esta filiação. Há também diversas postagens de fotografias que fazem menção ao seu time de futebol. Fotos em estádios, com a bandeira e outros adereços, que marcam uma característica pessoal, identitária, que ela quer transmitir através de sua página. Observemos as seguintes postagens:

FIGURA 2 - Flamengo X Fluminense



Alice:

"Vou pro Maraca ver meu FLUMINENSE, torcida deles não tem nenhum DENTE, vamos vencer, ganhar FLA x FLU É NORMALLLLLLLLL!!!!!!" #centenárioflaxflu

[Curtir \(desfazer\)](#) · [Compartilhar](#)

Ta do lado do cristo ? kkkkkkkkkkkk

HAHAHAHAHAA
Quando ele ainda tinha cabelo?!

Saaaaiiiiiiii daiiii, Mengão ganha essa fácil.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3073739657312&set=a.2624319102079.97680.1678296388&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-g>

Acesso em: 30/12/2012

FIGURA 3 - Família



Aline Meirelles

Niver da Vovó - Quando eu falo que a minha família é a mais bonita do mundo, eu mostro as provas!

[Curtir](#) · [Compartilhar](#) · 18 de setembro de 2011

[Alê Quintanilha](#) curtiu isto.

\o/ FLUZÃO

18 de setembro de 2011 às 18:21 · [Curtir](#)

Lindíssima!

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1834400794615&set=a.1109446991223.14622.1678296388&type=3&theater>

Acesso em: 03/01/2013

FIGURA 4 - Viagem



Alice: Apesar de gostar e respeitar muito o Inter:
 MEU FLUZÃO NÃO TEM FRONTEIRAS!!!
 Dia 10 de maio: TUDO NOSSO!!! => — em [Universidade Federal de Santa Catarina](http://www.universidadeffs.org.br/).

[Curtir \(desfazer\)](#) · [Seguir \(desfazer\)](#) publicação · [Compartilhar](#)

Você, [Amanda Meirelles de Azevedo](#) e outras 2 pessoas curtiram isso.

Tudo nosso no Engenhão o/

VAMOS MEEEEEEEEEEEEESMO!
[Amanda Meirelles](#) tbm??

[Amanda Meirelles de Azevedo](#) vamooooooooooooooooooooooooooooooooooooosss?????????

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2770563238091&set=a.2624319102079.97680.1678296388&type=3&theater>

Acesso em: 05/01/2013

Escolhemos apenas três das diversas postagens de fotografias que remetem ao Fluminense. São inúmeras fotos, fazendo provocações a times adversários, comemorando campeonatos ou demonstrando insatisfação com o time. Os motivos que levam a dona do perfil a postar essas fotografias são muitos. Além de construir uma relação de alteridade, pois, em todas as

postagens o elemento *Outro* é considerado, sobretudo quando ela faz uma provocação explícita aos torcedores do time do Flamengo, como é visto na figura 2. Ao escrever o enunciado na figura 2, Alice está explicitamente estabelecendo essa relação de alteridade e dialogia, pois esse é um enunciado escrito para provocar no outro uma reação, no caso do Facebook, comentários, compartilhamentos e curtidas. Há neste enunciado “provocativo” o que Bakhtin define como “atitude responsiva” dos enunciados: o enunciado já é produzido na expectativa das respostas que lhe serão dadas: concordância, discordância, alinhamento, reiteração. O que não se espera, nesta enunciação, é a “não-resposta”.

Outro fator que podemos destacar é a intenção clara da dona do perfil de construir sua identidade como sendo torcedora de um clube de futebol. A todo o momento, Alice ressaltava essa característica de sua formação identitária. Sabemos que a identidade é um fenômeno que é construído levando em conta o que somos o que queremos transmitir a outros e o que os outros de fato percebem que somos. Nesta formação de identidade, ressaltamos elementos que nos caracterizam, e fazemos questão de registrar esses elementos, para que tenhamos memórias próprias do que de fato vivenciamos. Perguntamos a Alice o que para ela, significava ser Fluminense. Em sua resposta, podemos notar traços de sua característica identitária, como torcedora de um clube de futebol. A resposta foi a seguinte: *“Nunca pensei em como seria caso eu não fosse dessas três cores que traduzem tradição. Seja a tradição carioca, aristocrata, da torcida pó-de-arroz ou do DNA da família Meirelles. Ser tricolor está em mim, nada poderá tirar meu amor, meu sentimento de luta como guerreira e de quem não pode perder as esperanças jamais. Fui criada por apaixonados que como eu desconhecem a cor vermelha, acreditam no grená, na paz do branco e na abundância e plenitude do verde. Não confiamos em estatísticas e as superações nos mantêm vivos. Nada para o Fluminense vem fácil, para mim também não. Apanhamos e nos reerguemos diversas vezes, somos alvos de críticas por parte daqueles que ignoram uma história retumbante de glórias, mas que se impressionam com nossa elegância, educação, beleza e soberania. Sou movida pelas emoções que ecoam dos pulmões e corações do Maracanã lotado. Sou movida pelo charme dos clássicos nos domingos ensolarados, é por isso que eu canto e visto esse manto. Orgulho de ser tricolor”*.

O registro imagético e a constante necessidade de expor esses elementos em rede social tem sido um dos maiores fatores que tem levado as pessoas a fotografarem momentos que julgam como primordiais em suas vidas, em suas construções identitárias. Ao visualizarmos alguns perfis de Facebook podemos observar, já na página inicial características que uma pessoa fez questão que fossem destacadas, como é o caso da relação da Alice com o seu time de futebol. Seja com a camisa do time em outro estado, como podemos observar na figura 4, seja uma fotografia de toda a sua família reunida com a camisa do Fluminense, como visto na figura 3. Todas essas fotografias nos remetem a sua devoção ao seu time, que é uma das características mais marcantes do seu perfil no Facebook. Sua devoção ao time é também sua devoção à família, aos amigos. A devoção de Alice ao Fluminense é também uma forma de relação social e de compartilhamento de redes de sociabilidade que ela constrói. Esta rede de sociabilidades também é definidora da forma como Alice constrói suas lembranças sobre os eventos: sua memória está ligada a estes eventos e a estas pessoas.

Outro fator que podemos observar nessas postagens, é a formação da memória individual da Alice, ao longo do tempo. Segundo Pollak (1992), a memória é constituída de acontecimentos, pessoas e lugares, e assim como a identidade, é resultado de uma construção. A memória é fator determinante na forma como esse indivíduo vai construir a sua identidade. Sendo esta seletiva, os registros fotográficos são de fundamental relevância, e até decisivos no que vai ser guardado, mantido para as próximas gerações. E nesse caso, fatalmente, Alice terá sua paixão pelo futebol como fator integrante de suas memórias futuras.

Observemos agora uma postagem que Alice fez, logo após ter encontrado um ator famoso em uma boate no Rio de Janeiro (figura 5). Essa postagem evidencia um fenômeno que a sociedade contemporânea tem vivido e que Debord (1997), denominou “Sociedade do Espetáculo”. Segundo esse conceito, estaríamos sendo protagonistas de uma época onde aparecer é mais importante que vivenciar; onde um fato só se torna importante a partir do momento que se torna público, neste caso, entra na rede. Esta “espetacularização” tem tomado grandes proporções nos dias atuais, principalmente com o surgimento das redes sociais. Diariamente, vemos nos diversos perfis do Facebook, a forma como nossa sociedade tem, de fato, dado importância ao espetáculo, muitas vezes sem maiores preocupações ao conteúdo do

que é postado. Todos os acontecimentos têm que ser fotografados e publicizados. Segundo Debord (1997, p. 16-17) está implícito que, “o que aparece é bom o que é bom aparece. Filas, engarrafamentos, acidentes no trânsito, um café à tarde com um amigo, um almoço em família... Uma infinidade de situações que viram espetáculo, cotidianamente no Facebook e nas outras redes sociais. A postagem com o ator gerou uma série de respostas e comentários e foi reiterada com um comentário: “nunca vou esquecer”.

FIGURA 5 - Boate

Dani dos Santos, Gabrielle Bernardo, Amanda Barbosa e outras 4 pessoas curtiram isso.

É prá quem pode, heim! Hehehehe

Detalhe para a legenda foto " uma noite perfeita!" rs· [Curtir](#)

Com toda certeza que não **Aline Meirelles**! Hahahahaha

ele dançou conga la conga como no vídeo lá tb ?? hehehehe ;p

Essa dança é só na intimidade! Uahuahauahua

АНАНАНАНАНА...

AH, DANADA !

Nunca vou esquecer..."MARI, ADVINHA QUEM EU ENCONTREI NO BLIHO DA NUTH"???"AAAAAAAAAAAAAIIIIIIIIIINNNNNNNNNNNNNNNNNN

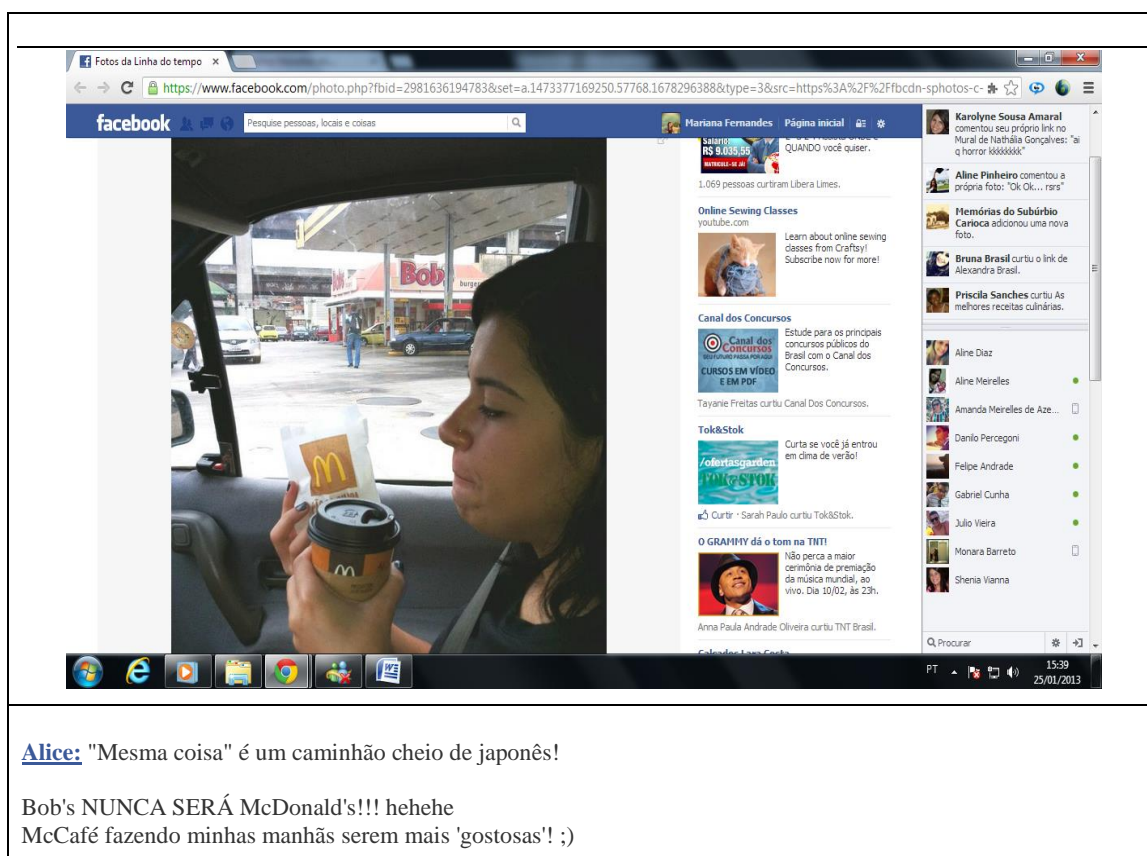
Ele é MUITO simpático pessoalmente! Tenho uma foto dele novinho ainda!!!! Nem vou falar pra [Aline Meirelles](#) que eu curti...rs

Edgar, meu amor.....hauahuaahu desculpa, mas eu tive que comentar..parece uma mentira!

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1647470841483&set=a.1109446991223.14622.1678296388&type=3&theater>
Acesso em: 14/01/2013

Como podemos ver, uma foto como essa, não poderia passar sem que fosse publicada no Facebook para que todos vissem o que ocorreu com a Alice, na sua noite em uma boate. Assim como seu café da manhã virou notícia, na seguinte postagem (figura 6):

FIGURA 6 - Café da manhã



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2981636194783&set=a.1473377169250.57768.1678296388&type=3&theater>

Acesso em: 18/01/2013

Nessa postagem, Alice ressaltava uma atividade de seu cotidiano, como sendo um fato digno de ser publicado e conseqüentemente, digno de ser fotografado.

Por fim, podemos notar que os conceitos propostos por Bakhtin (1992), de dialogia, alteridade e gêneros discursivos são vistos em quase todas as postagens no Facebook. No perfil da Alice, os gêneros discursivos, que nascem a partir dos enunciados cujas formas e estruturas

são reconhecidas pelos indivíduos, são facilmente percebidos nos enunciados que eles compõem ao se postar uma fotografia. O conceito de gênero discursivo parte do princípio de que, como toda construção humana, os enunciados são reflexos de várias atividades humanas, são “a memória e o acúmulo da história de suas utilizações” Dessa forma, vão se construindo com o tempo, e são usados de acordo com situações bem específicas, com estilos próprios, tratando temas únicos e se compondo de formas específicas. As formas abreviadas de escrita, a tentativa de se reproduzir a oralidade, a forma coloquial de construção textual são características do “gênero” que caracteriza esta forma de comunicação. Esse conceito também fica claro nas postagens de Facebook da Alice. Observemos as seguintes publicações (figuras 7 e 8):

FIGURA 7 - Amizade



ALICE: Quando eu olho para cada umas de vocês, eu tenho orgulho...

Somos motivos de muito orgulho! Garotas ajuizadas, inteligentes e esforçadas. Conquistamos muitas coisas e somos vistas como um bom exemplo a ser seguido. Mas quando vejo todas reunidas, penso que seremos eternas crianças brincando de 'queimado' na rua!
;) — com [Amanda Meirelles de Azevedo](#), [Tayane Alencar](#), [Letícia Alencar da Costa](#) e [Marcelly Reis](#).

[Amanda Meirelles de Azevedo](#), [Letícia Alencar da Costa](#), [Rafael Coqueiro](#) e outras 8 pessoas curtiram isso.

aaaaah o nosso queimado santo de todo dia...Emocionante lembrar disso, posso dizer sim com toda sinceridade,que foi uma época muito Boa !

Que lindoooo, amei amei!Puts, nem fala... às vezes me bate essas recordações também. Como eu te falei do 'O terminal' aqui em casa hahaha OU eu e Letícia direto na sua casa ... eu queria ver Stuart Little e minha mãe não deixava e a Letícia tentava convencer (ok, vocês nem vão lembrar hahaha). Também tenho muiiito orgulho,porque todas as desavenças se foram (vale lembrar tanto quanto hahaha)...

O melhor de tudo é a gente ainda saber/sentir que podemos contar com as outras para enfrentarmos os problemas da vida, comemorarmos o sucesso e celebrarmos a vida!

Ah, e tagarelar até as 3 da manhã de uma quarta-feira, né Dona Marcelly???

É verdade ...papos ,desabafos é tão bom saber que posso contar com vcs!Obrigadaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa , amo vcs!

Po... Entrei no pacote tb? To me sentindo tãoooo tia... Buaaaa.... As menininhas q brincavam e desenhavam aki em casa cresceram... E agora? Fico hiper mega feliz q a amizade de vcs ainda existe e será eterna... Alias as criancinhas agora? Se tornaram mulheres lindas e guerreiras das quais me orgulho muito....

Obrigada amigo! To me esforçando p melhorar...rs

[Tayane](#) estava bebendo! SÓOOO PODE! RS

hauhahuaahuuuhahuhuhuuha com certeza, o suco de maracujá del vale

[Amanda Meirelles de Azevedo](#) você ficou 15 anos mais jovem com o novo corte, ficou linda!

Querida, eu não vi pq falei rápido com vocês. Logo depois percebi! Já a Aline não me deixou nem perceber,já foi falando hahaha

Fonte:<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2862919106930&set=a.2624319102079.97680.1678296388&type=3&theater>

Acesso em: 19/01/2013

FIGURA 8 - Amigas



Mil histórias, um álbum!
Retornar ao álbum · Fotos de Aline · Linha do tempo de Aline

Receba notícias importantes Ver todos

Olimpianos
13.151 pessoas curtiram isso.
Curtir

Portal Diante do Trono
Victoria Fontana e outros 2 amigos curtiram isso.
Curtir

Conte-me o teu milagre?
Simone Messina curtiu isso.
Curtir

Amigos Diante do Trono
Sarah Paulo e Aline Diaz curtiram isso.
Curtir

News Gospel
4.267 pessoas curtiram isso.
Curtir

Patrocinado
Canal dos Concursos
Estude para os principais concursos públicos do Brasil com o Canal dos Concursos.
CURSOS EM VIDEO E EM PDF
Bruno Mello curtiu Canal dos Concursos.

Curtir Comentar

Maxneli da Cruz curtiu o link de Isadora e Brandão.

Jessica Aguiar comentou o link de Li Modas: "Eu queroooo"

Clarissa Machado comentou seu próprio link: "haaaaaaaaaaaaaaaaaa!! di di di..."

Jessica Aguiar curtiu o link de Li Modas.

Natasha Natan visitou o reino de Karina no jogo Castleville.

Aline Diaz

Aline Meirelles

Amanda Meirelles de Aze...

Diana Correia

Hugo Ribeiro

Mariana Cardiot

Monara Barreto

Shenia Vianna

Thulio Gomes

MAIS AMIGOS (5)

Q, Procurar

PT 20:34 26/01/2013

Alice: Reunir antigas amigas é o que há! *. *
Fizeram meu sábado mais feliz, obrigada!

Vinicius Oliveira, Jéssica Goulart e Gabrielle Marinho curtiram isso.

Ai como eu amo vcs !!!

OIN QUUE FOFA, mas eu to feia feia feia!! Hahaha

Não gostei da foto, mas foi um post tão bonitinho q nem vou reclamar!!!!

Huumm...5 kg??? (balançando o vestido) KKKKKKKKKKKKKKKKK

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1732215880056&set=a.1109446991223.14622.1678296388&type=3&theate>
Acesso em: 21/01/2013

Nas duas publicações acima (figuras 7 e 8), os enunciados foram construídos de acordo com situações (acontecimentos), pessoas (personagens) e lugares específicos. Duas postagens de Alice com amigas, onde ela resalta a importância dessas amizades na vida dela, o tempo em que essas amigas estão presentes com ela, enfim, toda a relação de carinho e amizade que existe se faz presente nos enunciados, sobretudo da figura 7. Além disso, essas duas postagens foram feitas a fim de que as outras pessoas que estão presentes na foto vejam, e interajam com

o que foi escrito, a partir do enunciado criado. Este recurso é evidenciado com a possibilidade de se “marcar” as pessoas que compartilham o Facebook com Alice: “com Amanda Meirelles de Azevedo, Tayane Alencar, Letícia Alencar da Costa e Marcelly Reis” (figura 7). Este recurso técnico torna a “responsividade” algo esperado e quase automático. Nesta relação de alteridade, onde o outro é fator fundamental para que ocorra uma troca de informações e se estabeleça o processo comunicativo, Alice vai construindo sua rede de memória e construindo seu processo identitário.

O próprio mecanismo do Facebook permite que a responsividade aconteça através dos comentários, curtidas e compartilhamentos que o outro pode fazer na sua publicação. Além disso, o Facebook, ao oferecer a possibilidade de se marcar pessoas nas fotos e enunciados postados, faz com que este θ outro receba uma notificação para que veja sua publicação. É quase um aviso “você foi marcado na foto tal...estamos esperando seu comentário”. Isso indica que o outro deve, sim, interagir, criar outros enunciados a partir do que foi dito, curtir ou compartilhar. Para Bakhtin, a dialogia é esse diálogo ininterrupto de um enunciado a outros enunciados, esta enunciação constante que estabelecemos com o outro em um território preciso, socialmente organizado e codificado como é o espaço do Facebook. Cabe reiterar, mais uma vez, a afirmativa de Debord (1997, p. 14); “[...] o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

Por fim, analisemos a seguinte postagem (Figura 9).

FIGURA 9- Chopada



ALICE:- SEDUZINDO!

HAHAHAHA

[Curtir \(desfazer\)](#) · [Compartilhar](#) · 5 de Junho de 2011

Você e [outras 2 pessoas](#) curtiram isto.

tira da estante NE

que isssooooooooooooooooooooooooooooo...

Me cataloga, me indexa, me joga na estante e ME CHAMA DE OBRA RARA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Que que issssssssssssssso ! (6) HAHA

então tá né.. RS

essa foto pode gerar mtu polêmica no almoço.... hhuhuahuhua

Já temos um assunto para nosso almoço de hoje. Sem-vergonha mandando ver assim na night, que isso hein... hahahahaha

Léo, e ela ainda diz q quase não bebe. Essa carinha de "santinha sem-vergonha" mandando beijinho e ainda com essa plaquinha não engana ninguém, não é não? rs...

E fale baixo! Hahahaha

Léo, pena q ela não almoçará conosco hoje, mas amanhã tem...

Hey, eu tinha ACABADO de chegar na festa! rrsrs

E essa plaquinha era a mais engraçada! Hahahaha

imagino, "cheia de graça"..... imagina no final da festa como ela estava mais ainda engraçadinha...

Mesmo não estando presente, serei o assunto da cozinha??

INJUSTOOOO! Preciso estar pra me defender!!!

Será não, já foi. Tem muita coisa injusta nesse mundo minha cara, isso aí não é nada injusto, Para de chorar. amanhã vc terá sua chance de se defender, huahuahuhua

Contra fotos nao ha argumentos...

E quanto mais tentar argumentar, mais irá piorar seu caso minha cara...Léo, vc estará viajando amanhã? Se estiver, Aline, sorte sua... rs...

Esses fatos só surgem dps q o bombom se ausenta...sacanagem

Geeeeeeeeente, juro que eu estava TOTALMENTE sóbria! O_o

Dubladora do pica-pau, mas nós não duvidamos, mas que vc estava toda toda se querendo na

Uéeeeeee, minha amiga (a fotógrafa desse caso) falou: faz carão pra foto!

Eu fiz! Oo

Sei sei. aquela velha historia ne. Um amigo meu. etc. Ninguem cai nessa bocão. E ai, gastou quantos tubos de pasta de dente hj?

Huahuahuhuahua

HAHAHAHA... essas piadas sobre minha boca!

Isso é BULLYING???

ta sendo bulinada é????? a questão é? te incomoda???

Meu face tá ficando com os papos do mesmo nível que a cozinha! Hahaha

Ah, me perdoe, vou parar se te incomoda. #PONTOFINAL

Deixa um pouco pra amanhã, adorarei o papo da cozinha! # NOT

Do que depender de mim o papo será light pra depois vc nao ficar reclamando. E a propósito, não serei mais o auxiliar do thiago nao, hehehehe. Aqui, não dei o seu dinheiro pra ele hj não

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1623760408737&set=a.1109446991223.14622.167>

[8296388&type=3&theater](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1623760408737&set=a.1109446991223.14622.167)

Acesso em: 22/01/2013

Em primeiro lugar, podemos observar que o enunciado remete a um dado não explicitado na imagem: a festa “Me chama de obra rara”, uma chopada de Biblioteconomia organizada pelos alunos do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ. Podemos notar também o conceito de alteridade nos comentários que essa imagem suscitou. Pela “antecipação” Alice provoca possíveis interlocutores. A legenda da foto é uma enunciação que está aberta à respostas, o que se configura uma atitude responsiva. Além disso, como já vimos antes, a linguagem das redes sócias, a linguagem virtual se constitui um gênero discursivo, o que fica explícito nos comentários desta postagem. Enunciados que reproduzem / tenta reproduzir a oralidade, o que é uma característica do gênero enunciativo das redes sociais. Com por exemplo o uso de “rsrs”, “kkkk”, letras em caixa alta para dar a tonalidade de grito ao que se está dizendo. Observemos o seguinte comentário: “*Me cataloga, me indexa, me joga na estante e ME CHAMA DE OBRA RARA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*” Além do uso de diversos pontos de exclamação, e a última frase em caixa alta, para atribuir sentido ao que se estava dizendo. A utilização jocosa de termos específicos de uma área que são deslocados para outra situação, adquirindo novos significados. Uma relação explícita de alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino esse trabalho concluindo que a fotografia digital tem revolucionado a forma como a sociedade contemporânea registra os momentos que considera relevante. A câmera digital facilitou muito o uso dessa ferramenta e modificou de forma revolucionária os registros que são produzidos atualmente.

Pude confirmar a hipótese que levantei antes de começar a pesquisar sobre a relação entre fotografia digital e memória, quer seja em seu aspecto individual quanto social, vinculadas às redes sociais. Já havia percebido que, com o surgimento e popularização das redes sociais, sobretudo do Facebook, as pessoas começaram a fotografar de forma diferenciada, a fim de mostrar-se através de um perfil de rede social. E quando me deparei com os conceitos de memória social, esquecimento e memória como fatores de construção das identidades, somados ao conceito de espetacularização, notei que todos formam uma espécie de pano de fundo para as postagens de fotografias realizadas nas redes sociais. Pude observar que através de um perfil no Facebook, podemos criar identidades, ressaltar características pessoais, construir uma memória pessoal; as postagens também nos inserem na “Sociedade do Espetáculo” onde o que –onde qualquer fato pretende virar notícia, digno de ser publicado. E percebi que estamos inseridos nessa sociedade, que é obcecada pelo momento, por registrar cenários, pessoas e circunstâncias diversas, de maneira desenfreada, numa tentativa de reter o instante preciso.

Analisei também, que a fotografia se constitui um lugar de memória, que nasce do sentimento de que não há memória espontânea, por isso criamos lugares onde nossas lembranças estarão salvas. E a fotografia é sim, um lugar onde podemos retornar e reavivar lembranças, suscitar sentimentos. Por isso, temos registrado de forma exagerada, para mantermos vivos os momentos que são cada vez mais líquidos, que passam cada vez mais rápidos por nós. Com a velocidade em que a informação é processada na sociedade da informação, acabamos perdendo a sensação de proveito do momento, o que nos leva a um culto ao passado, a uma busca desenfreada por manter nossas memórias.

Com essa pesquisa, pude conhecer melhor os conceitos do Bakhtin (2009, 2010) que em suas obras abordou temas de linguagem que podem ser inter-relacionados com a sociedade da informação, que mantêm suas relações em ambiente virtual. Os conceitos de alteridade, dialogismo, responsividade e gêneros discursivos, têm estreitas relações com a questão memorialística que foi objeto do meu estudo. Pude também observar esses conceitos, de maneira prática, nas postagens feitas no Facebook, o que deixou mais claro, para mim, a aplicação prática desses conceitos bakhtinianos no cotidiano virtual das redes sociais.

Desde o início desse trabalho, eu observava a forma como a maioria das pessoas, usuárias do Facebook faziam post's de fotografias em suas páginas pessoais, e antes de estudar e apreender todos os conceitos que abordei já me questionava o porquê de tantas fotografias, tantas postagens sobre eventos aparentemente banais, do cotidiano. Porém, quando me deparei com os conceitos de espetacularização, de memória e esquecimento, quando estudei sobre as relações da fotografia e memória, esquecimento e lembrança, pude perceber que todos esses conceitos perpassavam as postagens que são feitas diariamente nas redes sociais. Por isso, resolvi analisar de perto, um perfil no Facebook, e dentre as diversas postagens, escolhi nove, onde observei, de forma explícita os conceitos mencionados.

Houve dificuldade, inicialmente, para escolher dentre os inúmeros perfis que acompanhei, qual seria aquele a ser utilizado no estudo de caso, mas levei em conta os critérios de assiduidade das postagens, bem como as relações de alteridade, dialogia e responsividade que notava em cada postagem, a fim de ilustrar esses conceitos, através das publicações. Não houve dificuldades com a bibliografia, pois o tema abordado é muito abrangente; dessa forma, pude lançar mão de vários autores de diferentes áreas do conhecimento que já tratam dessa temática há um tempo.

Por fim, pude inter-relacionar esses conceitos ao cotidiano virtual, das redes sociais, e pude entender um pouco das causas que tem levado a sociedade contemporânea a produzir registros imagéticos fotográficos de forma desenfreada. Espero poder contribuir para a continuidade

dos estudos nessa área, para que possamos pensar em formas de lidar com as consequências e mudanças dessa revolução causada pela fotografia digital. Como me ensinou Bakhtin, se todo enunciado aponta para infinitas possibilidades de respostas e continuidades, para uma “não-finalizabilidade”, assim também entendo este trabalho: que seja o primeiro de outros que venham a manter com ele uma relação dialógica e responsiva.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DODEBEI, Vera. **Memória e patrimônio**: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço. Aurora (PUCSP. Online), v. 10, p. 36-50, 2011.

GUERRA, Claudia Bucceroni ; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A imagem fotográfica como documento: desideratos de Otlet. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009. 16 p.

GRUPO de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Atêlie Editorial, 2007.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LUNENFELD, Peter. Fotografia digital: a imagem dubidativa. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação – UFC**, Ceará, v. 2, s.n., p.1-15, jun. 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, [2006]. 8 p. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROUILLÉ, André. **La photographie**. Paris: Gallimard. 2005.

SAMAIN, Etienne; FELIZARDO, Adair. A fotografia como objeto e recurso da memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

SANTOS JUNIOR, Natalício Batista dos. Fotografia e Memória: contra a ação do tempo, foto fortalece tradição das técnicas de memorização. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E MÍDIA, 5., 2008, São Paulo. SP. **Anais...** [S.l], 2008.

SILVA, Casimiro Paschoal da; ARAÚJO, Elenise Maria de. Linguagem virtual e os dilemas bakhtinianos. In: MIOTELLO, Valdemir (Org.). **Lago dos signos**: identidade, discurso, memória. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.